2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 38. QUINTA FEIRA, 29 DE ABRIL DE 1852. 11. ANNO.

Os habitantes do districto do Funchal, apreciando a fortuna que lhes coube de terem por primeiro magistrado civil o Ex.mo Sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, deliberaram offertar-lhe, em testemunho de sua gratidão e affecto, uma joia que fosse o signal permanente destes puros sentimentos, e que bem poderemos considerar equivalente de uma coroa civica.

S.ª Ex.ª, que tão saudosas recordações deixou nos districtos de Béja e de Angra do Heroismo, e principalmente neste ultimo, que administrou em tempos calamitosos de terremotos devastadores, continua a merecer a estima dos povos, que nelle contemplam o magistrado recto, a auctoridade bemfazeja, desvelada e infatigavel em promover os bem intendidos interesses de seus administrados, e todos os melhoramentos convenientes ao districto importante que o Governo confiou aos seus cuidados.

S.ª Ex.ª, desempenhando todas as obrigações do seu cargo, tem-se esmerado sempre no particular estudo das necessidades e dos recursos dos districtos a que tem presidido, do que existem impressas não poucas provas, como tambem do seu amor pelas Boas-Lettras, que com muita aplicação tem cultivado. Os dotes e prendas do Sr. José Silvestre Ribeiro avaliam-se pelos seus actos, e pelas publicas demonstrações que recebe; em seu abono, e melhor do que qualquer panegyrico pertencioso, fallam eloquentemente os documentos que passamos a transcrever.

Lê-se no jornal *A Ordem*, do Funchal:

« A subscripção, aberta em todo o districto, para o fim de dar-se a s. ex.ª o sr. governador civil um publico testemunho da gratidão da Madeira, foi promovida por uma commissão, que muito deve lisonjear-se da iniciativa que tomára no negocio, e do methodo com que o conduziu. Veja-se o convite da commissão, adiante publicado sob n.º 1.º

A prenda, a que foi applicado o producto da subscripção, é um collar de ouro com 126 outavas de pezo, cujos moldes e inscripções são obra do talento do sr. Vicente Gomes da Silva, e cuja execução faz muita honra á pericia do sr. João José de Faria.

O collar representa uma fita de tarjas lavradas em arabesco, intermeiada de dezesete escudetes, cada um dos quaes commemóra um dos mais assignalados actos da administração do exm.º sr. José Silvestre Ribeiro nesta ilha. Do meio da fita pende uma medalha, orlada de uma faixa, em que se lê o verso de Virgilio:

« *Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.* »

e em cujo centro ha uma inscripção que diz:

AO EXM.º CONSELHEIRO JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

A Madeira agradecida.

A commissão promotora da subscripção, logo que teve prompta a joia, representou á camara municipal desta cidade (documento n.º 2) pedindo-lhe que sanccionasse com sua approvação a resolução tomada a este respeito, e que se encarregasse ella mesma de, no dia 4 de abril, ir apresentar a s. ex.ª aquelle signal da gratidão Madeirense.

A camara acquiesceu completamente ao petitorio da commissão; e pelo accordão transcripto sob n.º 3.º mandou registar no competente livro de sua repartição todos os documentos relativos a este negocio, e bem assim uma nota descriptiva do objecto offerecido.

No dia de hoje, á hora designada por s. ex.ª, sahiram dos paços do concelho com direcção ao palacio de S. Lourenço a camara municipal, com o seu thesoureiro, o escrivão, o administrador do concelho, todos os membros da commissão promotora da subscripção.

Logo que a camara chegou á fortaleza, foi recebida por dois officiaes da secretaria do governo civil,

e por elles introduzida na chamada *sala linda* do palacio, onde se achava s. ex.ª ao lado esquerdo do retrato de s. magestade a rainha, acompanhado de um lusido e numeroso concurso de funccionarios publicos, damas e cavalheiros estrangeiros [1] e nacionaes.

Feitas as devidas saudações, foi a camara com a sua comitiva tomar posição ao lado direito da real effigie, depois de ter deposto sobre uma banca que havia em frente desta a joia de que fôra portadora.

Em consequencia de impedimento physico do presidente, recitou o escrivão da camara uma tão succinta quanto appropriada allocução, á qual respondeu s. ex.ª com um breve discurso, que fez profunda sensação na assembléa. Adiante vão transcriptas sob os n.os 4.º e 5.º as duas allocuções.

Finda a resposta de s. ex.ª, tirou o presidente da camara a joia da caixa que a continha, lançou-a ao collo de s. ex.ª; e por ordem de s. s.ª voltando-se para os espectadores, disse o escrivão:

« *Viva s. magestade a rainha, e toda a familia real!!!* »

« *Viva a carta constitucional da monarchia!!* »

« *Viva o benemerito governador civil da Madeira, o sr. José Silvestre Ribeiro!!!* »

A todos estes vivas respondeu a assembléa com o maior enthusiasmo. E porfim, avançando s. ex.ª alguns passos para o centro do salão disse:

« *Viva a ilha da Madeira!!!* »

1.º

Tendo-se manifestado geralmente a vontade que teem os habitantes da Madeira, de dar um publico testemunho de gratidão ao exm.º conselheiro José Silvestre Ribeiro, pelos relevantes serviços que tem prestado, e continua a prestar, a esta provincia, com superior intelligencia e inexcedivel sollicitude: assenta-se que seja symbolo deste pensamento um collar de oiro, lavrado por artifice Madeirense.

A qualquer dos habitantes deste districto, que queira tomar parte nesta manifestação, admittir-se-ha a subscripção de 5 réis até 200 réis, declarando seu nome.

2.º

Illm.ª camara municipal. — Os importantes serviços feitos a esta terra pelo exm.º governador civil, o sr. José Silvestre Ribeiro, são bem notorios. Só elles inspiraram a um grande numero dos naturaes della a idéa de darem a s. ex.ª um publico testemunho de seu reconhecimento.

Está prompto para este fim um collar de oiro, que deve ser solemnemente offerecido a s. ex.ª no dia 4 de abril, como symbolo da gratidão da Madeira.

No recésso da junta geral do districto, a corporação mais auctorisada e competente para ser orgão dos sentimentos do povo é sem duvida a camara municipal da cabeça do mesmo districto. Os abaixo assignados vem rogar a v. s.ª a mercê de sanccionar com sua approvação a resolução tomada a este respeito, e bem assim de ser quem no dia indicado faça chegar ás mãos de s. ex.ª a joia que lhe é dedicada pelo reconhecimento publico. — Pedem á illm.ª camara municipal desta cidade, assim o tenha por conveniente. — E R. M. — Funchal 29 de março de 1852. — *Pedro Agostinho Teixeira de Vasconcellos*, presidente — *Vicente José d'Antas*, thesoureiro — *Marcellino Ribeiro de Mendonça*, secretario — O arcediago *José Luiz de Nobrega* — O vigario geral, *Antonio Joaquim Gonçalves e Andrade* — *Servulo Drummond de Menezes* — *Diogo d'Ornellas França Carvalhal F. Figueirôa* — *Francisco A. Bettencourt Araujo Esmeraldo* — *José Antonio Monteiro Teixeira* — O commendador *João Placido da Veiga* — *Candido de Freitas Abreu* — *Nuno Alexandre de Carvalho* — *João Antonio de Gouvéa Rego* — *Antonio Joaquim Marques Basto* — *Severiano Alberto de Freitas Ferraz* — *Vital Casimiro de Freitas* — *Francisco Luiz Pereira* — *Antonio Machado Cotta.*

3.º

ACCORDÃO DA CAMARA.

Foi presente uma representação de varios moradores deste concelho, na qualidade de membros da commissão encarregada de promover uma subscripção para o fim de offerecer-se a s. ex.ª o governador civil deste districto uma joia, como signal do reconhecimento que lhe consagrava a Madeira.

A commissão pedia á camara:

1.º Que sanccionasse com sua approvação a resolução tomada a este respeito:

2.º Que a camara se encarregasse de appresentar a s. ex.ª, no dia 4 de abril, a joia que lhe era dedicada pelo reconhecimento publico.

A camara tomando em consideração — por um lado a transcendencia dos beneficios feitos a este districto pela esclarecida administração do exm.º conselheiro governador civil José Silvestre Ribeiro, e pelo outro a nobreza do sentimento que propelle o povo deste districto a dar a s. ex.ª, na joia que vai offerecer-lhe, um signal de sua gratidão, accordou no seguinte:

1.º Que a camara plenamente approva a resolução tomada pelos habitantes do districto, que se fintaram voluntariamente para o fim de dar-se ao exm.º governador civil uma prenda, como symbolo de publico reconhecimento.

2.º Que no dia 4 de abril, á hora que lhe for designada, a camara irá officialmente á presença de sua ex.ª, em desempenho da missão de que a encarregam os representantes.

3.º Que seja integralmente transcripta no livro de registro desta repartição a representação da commissão promotora da subscripção, uma nota descriptiva da joia offerecida, e todos os mais documentos que appresentar a commissão. — *Almeida* — *Lagos* — *Favilo* — *Cabral* — *Silva Carvalho.*

Está conforme, secretaria da camara municipal do Funchal aos 31 de março de 1852. — O escrivão da camara, *Antonio Pio Fernandes.*

4.º

É com a maior satisfação que a camara municipal desta cidade, annuindo aos votos de uma commissão composta de respeitaveis moradores deste concelho, vem á presença de v. ex.ª para dar-lhe um publico testemunho da gratidão da Madeira.

[1] Notámos entre os estrangeiros os seguintes: Lord Fréderic Fitzclarence, Lord Northland, o Commodoro Lavellet, os consules inglez, americano e outros.

Os serviços por v. ex.ª feitos a esta terra são tão assignalados; o reconhecimento por elles inspirado aos filhos della é tão profundo; que não cabe nas minhas forças exprimir cabalmente quanto ha de nobre, de grande no pensamento da missão de que se ha encarregado a camara.

Como orgão dos sentimentos della direi todavia que a illustrada administração de v. ex.ª marca em nossos fastos insulanos uma épocha singularissima; porque o zelo, com que v. ex.ª se ha dedicado ao serviço de Sua Magestade, e ao desta boa terra em particular, tem-lhe, para assim dizer, revelado o segredo de fazer milagres, até em conjuncturas porventura o menos propicias ao desenvolvimento das medidas reclamadas pelas necessidades publicas.

Não enfadarei a v. ex.ª com a longa e minuciosa resenha das providencias, com que v. ex.ª se tem dignado assignalar sua administração nesta ilha, e com que tem adquirido titulos indisputaveis á gratidão do povo della. Mas o que muito folgo de poder assegurar é que, se a Madeira nunca teve administrador que tamanho zelo e perseverança pozesse em promover os seus interesses, tambem a nenhum dos muitos que a tem governado deu ella provas mais inequivocas de sua alta consideração e reconhecimento.

Sim, exm.º sr. — O povo desta ilha acaba de fintar-se espontaneamente para dar caução da divida que ha contrahido para com v. ex.ª Esta joia, que a camara tem a honra de appresentar a v. ex.ª em nome da Madeira, nada val pelo que é, mas val muito pelo que diz. Esta joia é symbolo do respeito e gratidão de um povo, tão livre, quanto digno de o ser; — porque, em verdade, o principal fiador da liberdade de um povo é o amor que elle tenha á justiça, é a veneração que consagre ao direito, é o respeito que tribute á auctoridade, mormente quando esta é, como v. ex.ª, uma mera personificação da lei.

Digne-se, portanto, v. ex.ª de acceitar este penhor dos sentimentos que por sua benefica e illustrada administração tem inspirado ao povo desta ilha; e fique certo que taes sentimentos não durarão menos em nossos corações, que em poder de v. ex.ª ha de durar a joia que lhes serve de symbolo. — O presidente da camara, *Antonio Gonçalves de Almeida.*

Está conforme. — *Antonio Pio Fernandes*, escrivão da camara.

5.º

SENHORES DA CAMARA MUNICIPAL!

O lisongeiro testemunho de estima, que ora recebo, é inteiramente devido á generosidade dos madeirenses; e por certo me opprimiria um tão extraordinario favor se ao passo que reconheço quão pouco sou digno delle, não considerasse que este bom povo quiz gratificar os sentimentos de amor e de affeição, que sempre lhe votei desde os primeiros dias do meu governo.

Interpretando assim a intenção dos offerentes, acceito com o mais vivo reconhecimento a honrosa prenda, que vindes entregar-me.

Não poderei fazer valer esse distinctive, como um documento de haver bemmerecido da Madeira, pois que tenho a consciencia da minha incapacidade; — mas hei de appresental-o como a mais convincente prova do muito que aos povos são devedores aquelles que os governam!

Senhores da camara municipal! Assim como fostes o orgão da vontade popular, o que muito vos agradeço, — tende tambem a condescendencia de fazer constar aos madeirenses os votos que formo pela prosperidade deste paiz encantador, ao qual me prendem d'ora avante os laços de uma gratidão sem limites. »

Funchal 4 de abril de 1852.

José Silvestre Ribeiro.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

VANTAGENS DA NATURALISAÇÃO DO ALPACA.

(Concluido de pag. 435.)

Das lãs. — A lã é uma variedade do pello dos animaes, que tem nascimento no tecido cellular situado immediatamente da banda de fóra do chorion. Provém de um pequeno aparelho bulbiforme, e que tem o nome de folliculo, onde penetram filetes nervosos e vasos sanguineos do tecido circumdante, atravessa a derme e a epiderme sob a fórma de um tubo finissimo, cujo interior é cheio de uma substancia unctuosa. A sua textura externa é circular; as lãs são dirigidas da raiz á ponta, e protegidas por uma secreção.

A lã distingue-se perfeitamente do pello, primeiro pelo seu desenvolvimento em espiral, pelo seu macio, e a sua flexibilidade, que é muito maior, pela propriedade inteiramente particular que possuem todos esses filamentos de se enfeltrarem sob certas influencias. É por isso que a lã é, em todo o caso, preferivel ao pello para ser fiada e tecida.

A lã, como dissemos, é uma secreção que se opera passando atravez dos orificios da epiderme; estes poros, de que é coberta a pelle do animal, são todos do mesmo diametro, e igualmente espaçados na epiderme; mas podem variar nas especies. Podem ser estreitos, rectos, ou tortuosos: e como são em relação á lã o mesmo que as fieiras em relação aos metaes nas artes, resulta que o fio de lã será fino, liso, ou onduloso, segundo a fórma da fieira por onde tiver passado. Além dos tres caracteres da lã já citados, importa distinguir tambem o seu cumprimento, sua força ou nervura, sua macieza ao tacto e sua flexibilidade.

O conhecimento perfeito do caracter das lãs e da maneira de as casar umas com outras convenientemente, formam a base mais indispensavel da instrucção fabril de um habil pratico. Só a longa experiencia póde iniciar neste conhecimento os que tiverem precisão de saber todas as miudezas deste negocio. Mas, se é necessario, para bem conhecer todos os caracteres distinctivos da lã, ter ma-

noseado muitas amostras, não é tanto assim, quando qualquer se limita, como pertendemos fazer agora, a expor somente as qualidades que devem ter as lãs destinadas a produzir tecidos, que devem ter entre si differenças bem assignaladas, taes como os estofos tosados e os estofos de feltro.

A lã do alpaca reune em mui subido gráo todas as qualidades necessarias para entrar na confecção dos tecidos, tanto pela sua elasticidade como pela sua finura, duas condições essenciaes para este genero de fabrico.

A boa lã deve ser fina, macia, forte e elastica. Para conhecer bem se a lã é fina ha de cortar se a extremidade de uma madeixa no costado ou espadua do animal, que é onde geralmente se acha a lã mais fina. Basta palpar, e esfregar entre os dedos um froco, para no tacto saber-se se ella é macia e encorpada. Não é boa a lã sendo misturada com muita porção de certo pello, chamado jar, bastante differente da verdadeira lã, e que se acha até na superfina: este pello duro e luzidio não toma tinta alguma. Comtudo ha algum tão fino como a lã mais fina. As lãs dos alpacas de cores escuras parecem-se um pouco com aquelle pello, e nesta circumstancia de nenhum modo tomam tinta, e por isso só se empregam nos tecidos crus ou tintos, de maneira que sobresaiam n'um fundo claro ou de algodão: ao contrario as lãs dos alpacas brancos tomam toda a casta de cor.

As preciosas qualidades da lã do alpaca, já bem conhecida por alguns de nossos fabricantes, vem enumeradas nos artigos de M. Isidore Geoffroy-Saint-Hilaire, e n'uma memoria que appresentei á sociedade das sciencias de Lille, em dezembro de 1847.

Por occasião de fallar nesta memoria citarei um trecho de uma carta de M. Destourbes, negociante em Turcoing, que devo ao obsequio do meu amigo M. Loyset, representante do povo:

« Seria extremamente util ao commercio francez que se introduzisse e creasse esta raça em França e na Algeria. Far-se-hia um consumo consideravel dessas lãs, se não fosse um genero que as mais das vezes falta, e se não tivesse augmentado em preço n'uma proporção desmedida.

« É incontestavel que estes animaes se reproduzem perfeitamente bem nos Alpes, nos Pyrennéus, e mesmo em a Alvernia, onde, pelo que se diz, M. de Pradet os tem creado com vantagem. Começamos a fiar a lã do alpaça neste paiz em 1840, epocha em que os inglezes receberam pelo menos quarenta mil balas ou fardos; depois houve augmento, cuja quantidade não conheço. »

Mais adiante diz M. Destourbes: — « Quanto ao preço tem triplicado ha seis annos, pela falta que dellas temos tido. A Africa seria sem duvida o paiz onde se poderiam produzir em maior quantidade e com melhores condições; mas, seria preciso que esta colonia fosse igualada á Corsega, como propoz M. Brunet, e que não tivessemos de pagar direitos de alfandega pelos nossos productos, especialmente das lãs e alpacas, que vem da Africa, e pagam onze por cento de entrada em França. Sobre estas materias brutas é um encargo enorme, attendendo ás quebras que tem o genero. »

A Inglaterra, sempre á espreita das coisas novas, não ficou atraz. A superioridade das raças de gado que alimenta o seu territorio é devida aos sacrificios, muitas vezes consideraveis, perante os quaes não recúa, nem jámais recuará todas as vezes que vir uma acquisição nova, cuja importancia tenha comprehendido, cujos lucros saiba explorar. Por isso lançou mão da naturalisação do alpaca, e fez della uma grande questão industrial.

Consequentemente, intentaram-se ensaios de fabrico que sahiram perfeitamente bem. A pouco e pouco as importações começaram, augmentando-se em cada anno, não obstante os direitos com que as carregou o governo inglez.

Ver-se-ha pela tabella seguinte com que rapidez se manifestou a alta.

ANTES DOS DIREITOS DE ENTRADA.

Annos.	*N.º de quintaes.*	*Preço do quintal.*	*Preço total.*
1834	57	15	912
1835	1,854	18	33,192
1836	1,990	23	45,770
1837	4,857	20	77,160
1838	4,593	25	114,825
1839	13,255	30	397,650
1840	16,600	25	413,600
1841	15,000	25	375,000
1842	12,000	25	300,000

DEPOIS DE ESTABELECIDOS OS DIREITOS DE ENTRADA.

De 9 de julho de 1842 a 5 de janeiro de 1843	2,432 quintaes.
De 5 de janeiro de 1843 ao 1.º de janeiro de 1844	14,580 »

Este quadro bem indica a rapidez progressiva com que foi feita a importação das lãs em Inglaterra; notar-se-ha mais um tempo de estacionamento, e uma ligeira baixa de preço causada pelo imposto com que foram gravadas. Esta diminuição não durou por muito tempo, e hoje está completamente sanada.

Para comparar com este quadro, não deixa de ser interessante outro, que devo á civilidade de M. Ramond, e que appresenta a conta das importações das lãs de alpaca em França, durante cinco annos recentes.

Em 1845	13,635	kilogrammas.
1846	56,657	»
1847	54,661	»
1848	3,123	»
1849	15,385	»
O que prefaz	143,461	»

Postoque este computo não possa a todos os respeitos comparar-se com o precedente, é facil ver que a importação das lãs de alpacas na época da ultima crise politica teve uma immensa quebra. Porém, no anno de 1849, a importação tornou a recobrar seu caminho, e não ha duvida que o algarismo venha a exceder mui proximamente todas as dos annos precedentes.

É tambem de notar que a maior parte destas lãs vem a França por intermedio da Belgica.

Em 1832 MM. Hegand-Hull e Comp.ª, negociantes de Liverpool, enviaram agentes ao Peru para effectuarem carregações de lã d'alpaca; muitas casas de commercio se estabeleceram na America, principalmente em Arequipa, tendo correspondentes em Inglaterra. Quando estas lãs ahi chegaram, venderam-se perfeitamente, e crearam uma nova industria de esperançoso futuro.

A Inglaterra, a Escossia, e mesmo a Irlanda, em breve possuiram fabricas deste genero. Estes ensaios tentados na Grã-Bretanha suscitaram a alguns commerciantes francezes a idéa de empregarem tambem a lã d'alpaca para a confecção de certos estofos. Começou-se a fiar em França no anno de 1840; nos departamentos do Norte e do Somme se fizeram as primeiras tentativas. Existem em Turcoing e em Roubaix excellentes fabricas onde actualmente se manufacturam com esta materia prima caças de lã. A importação desta é feita pelas alfandegas de Dunkerque e Turcoing, paga ao presente 22 por cento, e um imposto addiccional quando vem em navio estrangeiro.

Ha alguns annos, as possessões inglezas da India mandaram á Europa consideraveis quantidades de lã, entre outras as qualidades denominadas lãs das Indias, que são geralmente lãs communs para a carda, e lãs da Australia merinos para o sedeiro.

Se não fosse esta circumstancia, é indubitavel que as lãs do nosso paiz teriam um augmento sensivel; porque o consumo do genero augmenta em todos os paizes da Europa, e ao contrario não succede outrotanto com o numero das cabeças de gado.

Saibamos imitar os nossos visinhos, não receemos seguir os bons exemplos que elles nos podem dar, se queremos não só fazer desapparecer de entre nós os symptomas assustadores que deixamos mencionados, mas tambem conquistar esse estado de prosperidade, cuja posse devemos desejar por tantos motivos.

Nos Alpes, nos Pyrennéus, e na Alvernia encontram-se muitos prados verdejantes, ferteis pastos, donde não podemos tirar partido algum, ou pela impossibilidade de vingarem alli as seáras, ou porque não podem lá conservar-se os nossos gados. Ora o alpaca vive e prospera nas regiões frias, onde o carneiro não poderia resistir á temperatura. Sendo de sobriedade extrema, accomoda-se com alimentos que seriam insufficientes para os nossos animaes domesticos, ainda os mais sobrios, por exemplo, o jumento. O alpaca póde viver sem beber; e quantas não são as localidades privadas de agua, para as quaes seria este animal uma acquisição preciosa?!

A carne é boa para comer, sobretudo a dos novos. Puno é o sitio na America onde em maior quantidade se vende carne d'alpaca. E' susceptivel de engordar.

Se menciono a utilidade da carne do alpaca, não é para dar realce aos beneficios que nos póde trazer de futuro a naturalisação deste animal em França.

Cumpre appresentar a questão pelo lado da utilidade principal, e no meu entender é este o industrial. Logo que tenhamos adquirido o animal, perfeitamente domesticado, e que se reproduza como se quizer, poderá então appresentar-se a questão alimentar; mas, neste ponto o tempo é que ha de fazer as coisas.

O alpaca não é animal susceptivel de fazer concurrencia ao carneiro, pelo contrario deve juntar-se sua producção á deste. Na Beauce, no Berry, e outras localidades, onde se criam carneiros, os creadores quasi tem abandonado a producção da lã para tratarem exclusivamente da de carne para o açougue.

Sendo o objecto deste trabalho fixar a attenção geral sobre a possibilidade e a utilidade de acclimatar na Europa os alpacas, devo citar o nome dos homens que pelos seus esforços prepararam esta grande questão.

O immortal Buffon, cuja opinião, incontestavelmente, é auctoridade, já em 1785 queria enriquecer com estes animaes os Alpes e os Pyrennéus. Invocamol-o sobretudo em um negocio que deve ter tão importantes resultados para o nosso paiz; poderemos demonstrar que sua intuição, perfeitamente exacta, já se realisou. O illustre escriptor disse, depois de fallar das tentativas feitas na Hispanha:

« Não insisto neste ponto senão porque imagino que estes animaes seriam uma excellente acquisição para a Europa e produziriam mais beneficios reaes do que todo o metal do Novo Mundo. »

Depois de Buffon cabe o logar ao abbade Béliardy, que estudara os mesmos animaes na Hispanha. A este segue-se a imperatriz Josephina, e em quarto logar uma pessoa, que não obstante a varia fortuna, será sempre presada da França, o sr. duque de Orleans. Este principe, que tão bem comprehendia todas as questões de interesse nacional, igualmente cuidára em opulentar o paiz com os alpacas e lamas; e para esse effeito encarregou M. de Castelnau, por occasião de nossa partida para o Peru, da compra de um rebanho destes animaes; mas, infelizmente, não tendo sido expedidas as ordens da marinha, fomos obrigados a recambiar o rebanho que haviamos comprado.

Ha mais outra pessoa que tem direito á gratidão publica por este motivo. M. Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, professor de zoologia, no seu excellente *Relatorio sobre a naturalisação do lama em França*,

enunciou a preciosa utilidade e as vantagens que o governo podia colher, propagando entre nós esta especie.

Esperamos que o rebanho hollandez, com que, por intervenção de M. I. G. Saint-Hilaire nos enriqueceu M. Lanjuinais, e que está presentemente na tapada do instituto agronomico de Versalhes, será a origem de uma de nossas futuras riquezas.

(O auctor, M. Deville, ajunta neste logar a seguinte nota.)

Nota. — No momento em que eu emittia este voto, em 1850, cria firmemente e tinha motivos para crer, que os animaes comprados pelo governo e transportados com grandes despezas, poderiam ser distribuidos pelos departamentos dos Vosges, dos Alpes, dos Pyrennéus etc. a casaleiros ou a outros particulares que os pedissem, com o designio de resolver esta questão. Mas, infelizmente não foi assim; os animaes foram collocados em pessimas situações climatericas, demais disso muito mal alimentados, e mui imprudentemente tosquiados na entrada do inverno; resultou a grande mortalidade, e de um rebanho de 33 cabeças restam apenas em Versalhes 10, dos quaes só um é alpaca, e esses mesmos doentes.

Faz pena vêr que assim se realisou o receio que manifestara M. Isidore Geoffroy Saint-Hilaire na sua excellente noticia sobre a aclimatação dos referidos animaes, lida na Academia das Sciencias em 13 de dezembro de 1847, e que termina por estas phrases:

« Não hesitemos em dizel-o, a questão acha-se agora decidida. Quando se fizer a tentativa n'um local bem escolhido dos nossos Alpes ou dos nossos Pyrennéus, o bom exito é tão certo quanto póde sêl-o o de uma empreza nova; com a condição, todavia, que o ensaio seja organisado n'uma escala sufficientemente grande, e dirigido segundo os verdadeiros principios da sciencia, as mais das vezes desattendidos em experiencias desta natureza. »

Vemo-nos obrigados a dizer, com a magua que nos inspiram tão desastrados resultados, que o modo que se empregou na creação daquelles animaes, em o instituto agronomico de Versalhes, deu em tudo e por tudo rasão aos receios que tão bem exprimira o nosso excellente professor, M. de Saint-Hilaire.

(O auctor termina assim a sua memoria).

Esperamos vêr um dia nos Pyrennéus, nos Alpes, nos Vosges, no Jura, nas montanhas da Alvernia estabelecerem-se rebanhos destes uteis animaes: esperamos mais que a Argelia, colonia que appresenta tão prospero futuro pela bondade natural do seu terreno e de seu clima, tambem virá a tel-os, e serão para os novos colonos um manancial de riquezas que se ampliará muito mais quando se tiverem obtido rebanhos de alpa-vicunhas.

Francisco de Theran, director do estabelecimento de acclimatação em San-Lucar foi o primeiro que, por um escripto publicado em 1821 nos *Annaes das Sciencias, das Artes, e das Lettras de Portugal*, deu a conhecer o alpa-vicunha. As suas observações foram feitas em nove animaes remettidos de Buenos-Ayres, a pedido da imperatriz Josephina. Nesses nove, resto de trinta e seis, entravam um lama femea, duas vicunhas femeas, e tres mestiços machos provenientes de alpaca e vicunha, a que se poz o nome de alpa-vicunha.

Posteriormente, houve conhecimento desta raça mixta por uma nota feita no decurso da nossa viagem, e dirigida por M. de Castelnau á Academia das sciencias, e que fôra redigida conforme as informações officiaes obtidas do governo peruviano.

Em 1847, o doutor Weddell, um de nossos companheiros de viagem, indo a Macusani na provincia de Carabaya, teve occasião de vêr o rebanho mencionado por M. de Castelnau. Diz elle em a nota, publicada por M. Saint-Hilaire nas *Actas das sessões da Academia das Sciencias*, tom. 18.º pag. 56, de 1849: — « O mestiço do alpaca e do vicunha parece-se mais pela fórma geral ao lama commum do que a qualquer dos animaes de que procede; porém, as orelhas são direitas como as do alpaca: sobretudo, se distingue immediatamente de todas as outras especies pela sua lã, a qual sendo algum tanto mais curta que a dos alpacas é, sem comparação, mais fina e macia; tem o unico defeito de ser misturada com um pouco do pello jar, defeito que lhe provém da vicunha, e que provavelmente se desvanecerá pelo aperfeiçoamento progressivo da raça. »

M. Weddell confirma plenamente a verdade do facto da fecundidade destes animaes hybridos, facto reconhecido tambem por Francisco de Theran. — « Este rebanho (diz M. Weddell) é devido a um cura, o doutor Cabrero, e está hoje em numero de 34 cabeças. É uma nova especie que se obteve completamente, e com facilidade será conservada sem muito cuidado. » Estes animaes, collocados em boas condições climatericas, tratados por pessoas habeis, viriam com os alpacas completar a grande questão da naturalisação.

Conclúo com uma phrase tomada do sabio professor M. I. Geofroy-Saint-Hilaire. — « Quando o lama occupar em nossas granjas o logar que lhe pertence, saibam os agricultores comprehender no seu reconhecimento os que lhes prepararam o beneficio e os que o tiverem completado! »

AGRICULTURA EM PORTUGAL PELO SYSTEMA LOMBARDO.

(Continuado de pag. 423.)

CARVÃO DE PINHO.

Ha já tres annos que introduzi a fabricação do carvão de pinho, e muitas familias de Lisboa servem-se delle, para a economia domestica, não o querendo abandonar. Intrigas commerciaes d'alguns especuladores deste genero fizeram com que o nego-

cio entabolado se interrompesse por algum tempo; porém, pelas muitas e repetidas instancias dos consumidores, e para querer satisfazer aos desejos do nobre sr. duque, renovei o fabrico do carvão, e agora estou em commercio com o sr. Feliciano Vianna.

Este novo methodo traz comsigo muitas vantagens duplicando a venda das mattas, como demonstrarei adiante. Em primeiro logar a população aproveita com esta introducção, porque sahe-lhe mais barato que usando do carvão de sobro. O meu carvão não faz fumo, não espilra, e não tem mau cheiro. Generalisando-se o uso deste carvão de pinho (o que póde depender d'um só despacho do sr. ministro da fazenda) o publico e os particulares terão por outras consequencias um beneficio incalculavel, visto que, como consta dos registos da alfandega de Lisboa, a capital consome annualmente perto de 100:000 saccas de carvão de sobro.

Para fazer esta quantidade de carvão, é necessario cortar annualmente 20 a 25:000 sobreiros, e deste modo vem a diminuir o commercio da cortiça, e o dos porcos, que se alimentam dos fructos daquellas arvores. Muitas propriedades perderão do seu valor pela continua devastação dos sobreiros. Ha familias que por este motivo se arruinaram, e agora estão soffrendo privações, sem esperança de melhorarem a sua sorte, porque não pódem chegar ao tempo de nova prosperidade daquellas arvores, o que se não alcança senão depois de quasi 80 annos, quando com os pinheiros acontece o contrario, porque bastam 25 ou 30 annos para estarem aptos á fabricação do carvão.

Se a França, a Alemanha, a Italia, e outras nações usam do carvão de pinho, porque é que em Portugal se não poderá usar?

Tanto mais que, obrando assim, salva-se uma arvore indigena, favorecendo o commercio do gado suino e da cortiça. Os pinheiros crescem muito bem nas immensas charnecas arenosas agora abandonadas, e que não podem ser aproveitadas para outras cultivações.

Que esta cultura florestal prospera quando é feita por intelligentes agricultores, mostram-no os progressos dos pinhaes novos e particularmente dos que se veem em roda do Castello da Pena em Cintra, creados pelas sabias e providas disposições de Sua Magestade El-Rei D. Fernando. Assim se obtem uma nova fonte de riqueza para este paiz.

Ao mesmo tempo que se faz o carvão de pinho, a industria achará outros proveitos, como o de extrahir o alcatrão, a therebentina, e o pó de sapatos. Já tenho alguns aparelhos para pôr em execução os respectivos processos.

Note-se outra vantagem proveniente do carvão. Nos pinhaes situados muito longe da capital, em que é cortada a lenha para vir vender nesta, não paga as despezas de conducção; mas ao contrario, reduzida a dita lenha a carvão, fica diminuida mais de dois terços do seu pezo, e dahi resulta a vantagem da relativa diminuição de despezas de transporte.

É urgente tomar providencias neste particular; porque o carvão, um dos objectos de primeira necessidade, vai sempre encarecendo todos os dias mais, não bastando o carvão de pedra para supprir o consumo. No anno passado pagava-se por uma sacca de carvão de sobro 1$400 rs., e hoje é o preço 2$400 rs.

Se as cousas progredirem deste modo, o estrago das preciosas mattas de sobro será ainda mais extenso e mais ruinoso para os particulares e para o estado, sem metter em conta o que respeita á hygiene, sendo bem sabido que da existencia dos bosques depende a saude das povoações. É muito para temer que o paiz haja cedo de recorrer ao estrangeiro para se abastecer deste genero, como aconteceu ha doze annos, que vieram navios de fóra com carregações não sómente de carvão de pedra, mas até de carvão vegetal.

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Continuado de pag. 426.)

Eu pela minha parte desejo que o commercio a retalho passe para os brazileiros. Esta medida abalará, e mesmo anniquilará, muitas fortunas portuguezas, principalmente entre as mais pequenas: comtudo alguns dos meus patricios escapar-lhe-hão naturalisando-se: outros tomarão novo rumo de vida; mas a maioria com o que apurar regressará á patria, que bem carece do accrescimo de riqueza que esses muitos milhares de fortunas, bem que na maior parte exiguas, por força lhe hão de levar. Além disso, a emigração portugueza, não achando já aqui meios de se empregar com facilidade, ou diminuirá consideravelmente, ou encaminhar-se-ha para as colonias portuguezas, que assim verão augmentar a sua população, os seus capitaes, a sua industria, o seu commercio, e a sua navegação, com grande proveito da mãe patria, e detrimento do Brazil.

Consequentemente, no fim de um ou dois annos a medida só ha de lembrar aos brazileiros pelos damnos que lhes acarrear, emquanto o commercio portuguez residente no imperio, posteque assaz redusido quanto ao pessoal, achar-se-ha n'uma posição muito mais vantajosa e respeitavel. Todos esses crimesinhos, todas estas traficancias que são predicados de certo dos mais humildes estabelecimentos, passarão para os successores dos portuguezes, no que estes muito lucrarão.

Mas voltemos á *parede estrangeira*. Deve-se confessar que o systema dos conluios e paredes é mui geitoso e commodo para explicar as causas dos males que affligem o paiz, e dispensa grandes estudos.

Assim, meditando-se na pouca ou nenhuma tendencia que os brazileiros em todos os tempos teem mostrado para a profissão do commercio, parece que o homem politico deveria investigar a origem de tamanho mal para se lhe applicar a verdadeira medicina; fica porém muito mais barato gritar — a causa são os portuguezes que se conluiam para os excluir das lojas e quitandas; que os guerreiam; que lhes não afiançam as letras etc. etc. — grita-se pois neste sentido, e

Le peuple, qui voit tout seulement par l'ecorce

como dizia Corneille, acreditando no que lhe pregam aquelles em quem tem fé, fica detestando os pobres portuguezes, que não fazem senão o que os bra-

zileiros, quer por perguiça, quer pelas preoccupações da educação, recusam fazer.

Assim, notando-se a antipathia que os brazileiros, e com especialidade os da raça europea, mostram para as artes fabris, desata-se o nó gordio exclamando — são os portuguezes que não querem que os filhos do Brazil sejam ferreiros, sapateiros, alfaiates, carpinteiros, cabelleireiros, modistas etc. etc.

Por esta fórma, sem queimar muito as pestanas, nem dar grandes tratos ao juizo, dá-se por descuberta para o Brazil a solução de todos os seus mais intrincados e vitaes problemas economicos e commerciaes. Comtudo, eu confio, tanto no auctor do artigo que combato, que me louvo nelle para juiz. Elle que decida se um similhante bordão convém á capacidade, aos interesses, e á honra dos brazileiros.

Algum dia as paixões cederão o campo á razão. Algum dia será forçoso abdicar estes estratagemas pelos quaes as ambições têem buscado exaltar-se, para cogitar sériamente em sanar os males publicos, e então o povo brazileiro infallivelmente chorará as crueis decepções que lhe houver causado o falso zelo de muitos (não me refiro a pessoa alguma) que se inculcam por seus amigos e protectores. Na hora do desengano elle conhecerá que não eram os portuguezes a causa dos seus males, e que estes provinham unicamente do desregramento das paixões politicas, das ambições descomedidas, e tambem por certo da negligencia que o Brazil ha posto em reformar alguns dos vicios da sua organisação social. Esperemos por essa hora, e seremos vingados. *Attendre est toute la vengeance de la verité.*

O Brazil póde ámanhã decretar — daqui a um ou dois annos nenhum portuguez [1] poderá ter casa de commercio a retalho — mas nunca com esse simples decreto consiguirá *nacionalisar* o seu commercio.

Ou o cidadão brazileiro possue cabedaes e credito para negociar, ou não. Se possue, quem o priva de trilhar as vias commerciaes? Se não tem dinheiro nem credito, sem os quaes se não negoceia, como os adquirirá só com a expulsão dos portuguezes? A medida pois de prohibir aos estrangeiros o commercio por miudo, sendo mui idonea para prejudicar ás casas brazileiras, e a todo o paiz, jámais será capaz de lhe acrescentar a riqueza, nem de fazer nascer casas de commercio, como o omnipotente fez do cahos saír a luz.

Não sou eu só que encaro mal a prohibição do commercio a retalho. Muitos brazileiros de probidade e luzes incontestaveis já ha muito fizeram o mesmo. O sr. Ferraz, deputado da camara quatrienal de 1848, na sessão de 4 de junho do mesmo anno orou contra ella nos seguintes termos:

« O projecto mesmo não póde produzir os bens que « se desejam: passe elle, prohiba-se o commercio de « retalho aos estrangeiros, e a maior parte delles se « hão de naturalisar. E neste caso cessará o clamor? « não: porque o clamor não é contra os estrangeiros, « mas contra os adoptivos: a questão não é de com- « mercio a retalho, é sim a riqueza proveniente deste, « ou de qualquer outro ramo de industria, que ad- « quirem os estrangeiros. »

Na mesma occasião tambem o sr. deputado Góes se explicou assim:

« ...Sempre disse particularmente que apoiava o « sr. Ferraz, quando tratava esta medida de impoli- « tica e pouco prudente, porque acho que quando no « paiz se levanta uma voz geral, afim de que por to- « dos os meios se promova a colonisação, e se cha- « mem estrangeiros para habitar o nosso inculto e « immenso paiz, certas medidas tendentes a contra- « riar este desejo dos brazileiros em geral, não po- « dem deixar de ser consideradas como impoliticas, « imprudentes, e mesmo perniciosas. Ninguem ignora « que na Europa temos máu nome, e que contra nós « ha alli innumeraveis preconceitos; e como é que « ainda se apresentam na casa medidas destas que ten- « dem a augmentar estes preconceitos... »

Do mesmo voto dos srs. Ferraz e Góes certamente eram a maioria da assembléa geral, e o proprio governo; e daqui nasceu a resistencia que tanto no poder legislativo, como no executivo, encontrou a emenda em 28 de junho offerecida pelo sr. Tobias para substituir o projecto do seu correligionario Nunes Machado sobre os caixeiros brazileiros.

Acharam alguns especuladores politicos que apresentando os portuguezes á populaça sob uma face odiosa, podiam mais fortemente prendel-a aos seus interesses. Essa mina, apenas descoberta, nunca mais cessou de ser com todo o esmero, e por diversos modos, explorada; porém a prohibição do commercio a retalho tem sido para os exploradores um ardil dos mais preciosos. Sabiam elles que os portuguezes estabelecidos no imperio, supposto fossem, como lhes cumpre, mui obedientes a todo o governo sem olharem para a sua côr politica, comtudo em geral pendiam para o regimen agora chamado saquarema, não por lhes importar que triumphe antes uma do que outra das parcialidades politicas, as quaes, ainda que por diversos caminhos, todas certamente buscam a felicidade do seu paiz; mas porque, entregues pela maior parte ao commercio, e detestando todas as commoções que abalam o corpo social, se persuadem que sob aquelle regimen a ordem tem mais garantias de estabilidade.

Os adversarios do saquaremismo considerando que esta tendencia fortalecia os seus inimigos, e que destruil-a ou enfraquecel-a seria destruir ou enfraquecer aquelles, não tendo para o conseguir senão o terror, lançaram mão delle. Insufflaram pois contra a gente portugueza os animos da plebe, e não houve calumnia que lhe não assacassem; porém os principaes tiros desta guerra desabrida, como se sabe, dirigiam-se contra os brazileiros adoptivos, que por calculo tem sido sempre confundidos com os portuguezes, assim como estes com aquelles, bem que no geral os meus compatriotas sejam completamente estranhos ás questões politicas do paiz, como já repetidas vezes mostrei.

O estratagema da prohibição do commercio a retalho foi inventado em Pernambuco no anno de 1842, ou pouco depois, segundo o sr. Jeronimo Martiniano

[1] Argumentando-se na sessão de 4 de julho que o tractado perpetuo com a França resistia á prohibição do commercio a retalho aos estrangeiros, o sr. Nunes Machado concedia que, a ser necessario, ficassem da medida exceptuados os francezes, os quaes, todavia, teem na corte, e n'outras localidades, bastantes estabelecimentos de vender por miudo. A elle bastava-lhe que se tirasse á outra raça (aos filhos de Portugal) a alta influencia que exercia.

Figueira de Mello na sua *Chronica da Rebellião Praieira*; porém, como este distincto brazileiro de algum modo ahi nos traça a historia do predito estratagema, penso que para bem provar a origem delle e os seus progressos, não posso tomar melhor expediente do que trasladar para aqui as suas proprias expressões. Eil-as.

« Os jornaes da opposição (lê-se na citada *Chronica* pag. 3) nascida em 1842, por motivos da « sympathia com a rebellião de S. Paulo e Minas, « limitando-se a principio á censura dos actos do « governo provincial, bem de pressa sob pretexto « de derrocar a supposta exclusiva influencia de uma « familia, passaram a guerrear os cidadãos mais res- « peitaveis pelas suas riquezas, cargos, saber e pro- « bidade; a exaltar todo o espirito de resistencia, « como um direito e dever da parte dos seus co-re- « ligionarios; a apregoar as maximas mais perigosas « e anti-sociaes; *a açular o odio dos nacionaes contra « os estrangeiros, principalmente portuguezes; a fa- « zer-lhes conceber esperanças, de que um dia seriam « estes expellidos do commercio e das profissões meca- « nicas, e de que destruida a concurrencia dos mes- « mos estrangeiros, dahi lhes resultariam todas quan- « tas venturas elles podessem imaginar para si, ou « para a provincia...* »

Continuando a pag. 5 diz ainda — « Foi exaltando esses sentimentos, que os directores do segundo desses partidos, a que nos referimos, e que tomou o nome de *praieiro*, fizeram com que os artistas e obreiros nacionaes assignassem em 1844 um requerimento, tornado celebre, em que se pedia aos poderes supremos do estado a expulsão dos artistas estrangeiros, e a prohibição de certos productos da industria europea, que elles aliás não poderiam fabricar com tanta perfeição, nem vender pelo mesmo preço, nem fornecer na mesma quantidade em proporção ao consumo.... »

Em fim a pag. 6 accrescenta — « Foi por causa destes sentimentos, que o simples facto de ter sido ferido no dia 26 de junho de 1848 um estudante brazileiro do lycêu por um portuguez [2], deu logar á carnificina e espancamentos desse dia, e do seguinte, em que ao grito de *mata marinheiro*, succumbiram alguns portuguezes que *pacificamente* se entregavam ao commercio, e se formulou uma petição á assembléa legislativa provincial, em que se pedia a exclusão dos estrangeiros do commercio a retalho — a expulsão de todos os portuguezes solteiros dentro de 15 dias, como inimigos implacaveis do Brazil — e a convocação de uma assembléa constituinte para tratar de uma reforma social, que se harmonisasse com o progresso liberal, e estado presente da sociedade brazileira, concluindo por fazer ameaças, no caso de não serem attendidas similhantes representações. Foi ainda a esses sentimentos, que os directores do partido praieiro faziam todo o cortejo, quando pelos jornaes, mais ou menos claramente, *promettiam ás classes baixas e ignorantes da população a posse das lojas, tabernas e boticas, que eram possuidas por portuguezes, como recompensa de todos os seus trabalhos.* Em fim esses sentimentos eram todos os dias lembrados, excitados, estimulados, e elogiados, quer pelos jornaes da facção praieira, quer nos clubs nocturnos, em todas as eleições que se fizeram na provincia, ou em quaesquer outras occasiões que se lhe offereciam. »

(Continúa.)

[2] Os redactores do *Progresso* (Revista social litteraria e scientifica) publicado em Pernambuco em outubro e novembro de 1848, a pag. 89 do n.º 14 do tom. 3.º, referindo-se a este facto exprimem-se assim — « Asseveram-nos algumas pessoas que a briga do cadete Costa Cordeiro com o portuguez do armazem de carne secca, e as desgraças que dahi seguiram, foram premeditadas pela *praia velha*, e organisadas de antemão n'uma reunião da sociedade imperial, que teve logar a 17 do mesmo mez de junho. » Os redactores declaram em seguida que acham esta accusação inverosimil, comtudo proseguindo nas suas reflexões sobre os excessos daquelle mez, ainda escrevem — « Se nos quizessemos remontar ao passado e esquadrinhar as causas mais remotas destes tristes acontecimentos achariamos em primeiro logar a *Voz do Brazil*, periodico que pertence incontestavelmente ao partido da praia, e de continuo appella para as mais ignobeis paixões, e excita a parte ignorante da população contra um phantastico partido lusitano, que não só se compõe de portuguezes e adoptivos, como tambem de todos os brazileiros que não apoiam os desvarios da *Voz do Brazil*; achariamos tambem..... esses artigos do *Diario Novo* que appellavam para o *pitiá bordão*, *sangrias largas*, *etc. etc.*

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXIII.

NEM SÓ A ROSA E' FLÔR.

Era ao caír da tarde. O sol desmaiava, e descendo entre nuvens rosadas, despedia-se com saudade, dourando os montes, as torres e as grimpas. O céu tinha aquelle azul puro e firme, que tanto brilha nos dias de inverno, os mais curtos e os mais lindos tambem de todo o anno, quando a natureza respira, e destoucada de flores, mas risonha na sua formosura meridional, adormece aos lascivos osculos de uma aragem fresca, e não cortante. A luz terna do occaso, declinando no horisonte, dava a tudo aquelle toque suave, cuja melancholia é o enlevo dos poetas e das almas que suspiram.

Ao longe, feia de negrume, vinha rompendo uma nuvem acastellada; abria-se lentamente, e enganando a vista, parecia balouçar-se quasi immovel sobre o cume das montanhas, á espera que o vento a impellisse para o Tejo. As aguas do rio, pouco antes azuladas e quietas, principiavam a empolar-se e a gemer, mosqueando-se, em partes, das malhas cinzentas que passavam a cada momento pelo céu. A noite promettia carregar-

se das sombras que a serenidade do dia affugentára.

Fôra alegre até alli, como a tarde, a conversação das tres donzellas reunidas no mirante do jardim de Lourenço Telles. Descubria-se de lá alguma coisa da cidade baixa, e caía para um recanto, escuso e pouco largo, aonde no muro denegrido se via pregado um devoto painel com sua lampada. Vestido das plantas que o inverno poupa, o mirante era por dentro uma primavera; e nesta occasião servia de toucador e de recreio ás filhas de Filippe da Gama, e á sua amiga D. Catharina de Athaide.

Em quanto no escriptorio do commendador o conde de Aveiras, D. Luiz de Athaide, e Lourenço Telles tractavam de apurar os encargos materiaes do matrimonio, as tres meninas rindo e abraçando-se espaireciam, adivinhando umas ás outras a sina dos seus amores. A miudo, o carmim transparente que sobe do coração, e lança um véu de pejo sobre as inquietações da alma, esparzia-lhes as mais delicadas rosas pelo seio palpitante, pelo collo e pelo rosto jovial.

A manhã tinha sido cheia para o commendador; e é inutil descrever a sua admiração, recebendo ás dez horas a visita do secretario das mercês e do padre Ventura, portadores da ordem regia para o deposito da noviça em sua casa. Dadas e ouvidas as explicações convenientes, o velho erudito, lisongeado interiormente, respondeu que tudo estava á disposição de s. magestade quanto possuia, podendo vir a noiva quando quizesse, na certeza de achar a estimação devida a uma senhora, digna dos maiores respeitos.

Os dois emissarios metteram depois a trote o modesto cavallo da sege de Diogo de Mendonça, dirigindo-se a Santa Clara. Entretanto, encostado á bengala, e remoçando pela confiança do soberano, o commendador alvoroçava a familia inteira, dando as ordens para D. Catharina ser tractada com a opulencia que permittiam os seus avultados cabedaes.

A noticia encheu de jubilo a Cecilia, e de curiosidade a Thereza. Magdalena deu treguas ao rosario, e com as mãos na cabeça, como boa governante, acudiu com diligencia a toda a parte. Entrava de fóra o capitão Filippe, e ficou varado recebendo de seu tio um roteiro minucioso ácerca da continencia da lingua e da escála dos gestos. Depois de amaldiçoar a côrte e todas as noviças do mundo, o capitão tornou a embicar o chapeu de tres ventos, e a sepultar as mãos nos bolsos da casaca, partindo como um foguete direito a S. Domingos, aonde foi achar de cama o padre mestre seu amigo.

Jeronymo Guerreiro não era homem que se alterasse ou ficasse ocioso em casos taes. Despachado em missão extraordinaria, apresentou-se em casa do abbade Silva, e declarou-lhe que a sua presença era suspirada por toda a familia na preciosa qualidade de trinchante e de mestre de ceremonias.

D. Catharina chegou uma hora depois do jantar, acompanhada do secretario das mercês, e de duas seculares do mosteiro. Vieram-na receber á porta da rua o capitão Jeronymo e o abbade Silva. Á entrada da primeira sala achou Lourenço Telles com as mais vistosas galas, offerecendo-lhe o braço cheio de attenção, e conduzindo-a ao camapé entre cortezias e sorrisos. Diogo de Mendonça lavrou então o auto de deposito, e em nome de el-rei entregou-a á guarda e lealdade do commendador de S. Miguel das Minas.

Preenchidas todas as formalidades, o erudito chamou por Magdalena e suas filhas, que já esperavam na casa immediata. Os abraços de Cecilia, a candura de Thereza, e a affabilidade de sua mãe, tranquillisaram a noviça, que vinha na maior confusão de idêas. Passada outra hora, o conde de Aveiras velho, e D. Luiz de Athaide (seu pae) fizeram-lhe uma visita de ceremonia, annunciando que o noivo teria a honra á noite de lhe offerecer as joias da parte de s. magestade, que se digna ser padrinho do casamento.

No fim de tudo isto a pobre menina, não podendo já com a oppressão do peito, lançou-se nos braços de Cecilia e de sua irmã, pedindo alguns momentos para desafogar o espirito livremente. Desceram todas tres ao jardim, deram umas poucas de voltas em roda dos canteiros, e recolheram-se ao mirante para conversar em liberdade. Iremos tambem, não nos escape o exame de consciencia destes corações que o amor, benigno, embalava nas azas da esperança.

D. Catharina estava em um banco de relva, meia recostada no tapete de jasmins e madresilva. De pé, e ao seu lado, tinha Cecilia, unindo o rosto ao della, com a mão pousada no hombro, e o corpo fugindo em delicioso desleixo. Um pouco inclinada para o seio da sua amiga, a educanda, sem o querer, mostrava a graça das fórmas e respirava seducção, não procurando fazer-se bella. Pelos beiços finos e vermelhos de coral, folgava o riso picante, provocando com a malicia: nos olhos, a travessura meiga sabia avi-

var-se e amortecer, segundo acudiam ou passavam as cores e as commoções. Os cabellos ondeavam, soltos os anneis, prendendo-se nos jasmins; e a caprichosa agora os libertava com impaciencia, logo deixava fugir as tranças com a aragem, quebrando folhas e flores nas arrebatadas posições. Entre as da noviça, que a decifrava, a sua mão offerecia alegremente as delicadas linhas, cruzando-se em uma palma tão pequena, e tão mimosa que ao mais leve toque se rosava.

Thereza assentava-se no mesmo banco. Mais alta duas linhas, e sem ser tão juvenil, como a de sua irmã, a estatura della não era menos delicada. O corpo cedia sem violencia, e com requebro prestava-se ás ondulações desaffectadas, cujo enlevo é o realce das andaluzas. Menos tenra de musculos, as fórmas lançavam-se com mais vigor, e tinham a ligeireza e a elegancia que avivam o agrado á formosura. Havia em ambas a mesma nobreza de porte; porém, Cecilia pelas proporções menineiras juntava os encantos de mulher ás graças infantis; Thereza, com uma belleza, menos ideal e mais mundana, recordava a figura apaixonada de uma virgem hespanhola, das que o pincel aquece de tons amorosos, dourando-as dos raios vivificantes do meio dia.

O semblante da irmã de Cecilia não tinha a seriedade um pouco ingleza de Catharina; e menos ainda o realce da mobilidade poetica, que tanto attrahia na educanda; sobre o oval, e algum tanto cheio, se evitava o molde frio e classico, animando-se varias vezes da vida interior, e revelando a alma, nem por isso o espirito sorria a cada instante, ou o affecto se illuminava á primeira commoção. Tinha mais eloquencia e menos vivacidade no olhar. Mas quando o sentimento fallava, era a sua vista tão enlevada, e na languida aspiração dizia tanto, que não se ousava respirar antes della compadecida esconder de novo a luz fascinadora, abaixando o véu das palpebras.

Se ainda não sentia muito, Thereza sentia com a sensibilidade das mulheres, cuja vida é mais de dentro pelo coração, do que de fóra pelos sentidos. Se estava triste, as feições reflectiam a melancholia pensativa, sempre adoravel no rosto das donzellas; se estava alegre, eram tão espirituaes e expressivas que nada igualava o seu encanto.

A pelle, transparente na finura, deixava entrever o nacar, corando-a de longe, e indicando as veias apenas como sombras á flôr da tez. Levemente deprimidas, as fontes de um branco perola, em que esmorecia o rosado tibio, descubriam as linhas azues, cruzando-se delicadamente. As faces, mimosas de frescura aveludada, tão preciosa nas flores, eram pallidas, não da pallidez que se faz terrea e biliosa com as fortes commoções, mas da côr terna do alabastro, em que passa um reflexo moreno, quando nasce e desmaia o rubor, refluindo o sangue ao coração.

Nem larga nem estreita, elevava-se a testa suavemente, arredondando-se com graça menineira; e serena quasi sempre, como um espelho, viam-se correr por ella claras as imagens do pensamento. Quando queria, sabia esquecer-se com um sorriso meio casto meio esquivo, desabotoado na amorosa bocca em que podiam colher-se os beijos e as rosas. Finalmente, no beiço superior uma ligeira sombra assetinada, apenas perceptivel, dava mais um toque delicioso ás covinhas que se abriam de leve aos cantos, animando a physionomia, se a bocca menos ciosa deixava admirar o purissimo esmalte, e a alvura dos dentes, verdadeiros fios d'aljofar brilhando entre rubis.

Como era natural e seductor o geito com que se pousava a cabeça sobre o colo respirando abandono! Como lhe acompanhavam bem o rosto os cabellos sedosos e negros; e brincando a capricho pelas faces, com que enlevo destoucavam sobre o seio as espiras indiscretas! Escapando-se e fluctuando em cascatas sobre o penteador de renda, esperguiçavam até aos pés as tranças desenroladas em um véu, cuja desordem pudica parecia uma travessura graciosa de invisiveis amores suspensos dos seus anneis.

L. A. REBELLO DA SILVA.

Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Uma boa acção. — Transcrevemos da *Revolução de Setembro* a seguinte correspondencia, e louvamos muito o procedimento de M.me Monticelli. Admiradores do seu distincto merecimento artistico, temos muito prazer em registrar uma acção que revela os bons sentimentos da sua alma.

Sr. redactor.

Tendo recebido de M.me Monticelli, em favor do asylo de infancia dos Cardaes. o donativo de 48$000 réis, egual somma á que já offereceu no anno proximo passado, para o mesmo estabelecimento, rogo a v. o favor de publicar no seu jornal a carta que acompanhou aquelle donativo, para dar por este modo, em nome de tantas creanças desvalidas, um tes-

timunho publico de reconhecimento por uma obra tão meritoria.

16 de abril de 1852. Sou de v. etc.
O Padre José Ilsley.

« Monsieur. — J'ai l'honneur de vous envoyer la petite somme de trois cents francs, que j'ai separée des profits de mon bénéfice pour être appliquée a l'asyle des jeunes filles etabli aux Cardaes, que j'ai eu le plaisir de visiter plusieurs fois, et dont vous êtes, monsieur, le fondateur et bon directeur. Je regrette de ne pouvoir être aussi généreuse que le voudrait ma vive reconnaissance envers le public de Lisbonne, qui m'a toujours donné tant de preuves de sympathie, et de bienveillance.

« Agréez monsieur, l'assurance de ma considération la plus distinguée. — Votre trés humble servante, *Geneviéve Monticelli* — Lisbonne le 10 avril 1852. — Monsieur le P. Joseph Ilsley. »

Opera de Londres. — O celebre emprezario Lumley reuniu para a nova estação theatral, que teve principio no 1.º de abril, uma brilhante companhia, composta das seguintes pessoas, algumas dellas de *primissimo cartello*, e conhecidas vantajosamente em todos os theatros principaes da Europa. Primas dornas; Sontag, Fiorentini, Ida Bertrand, Sophia Cruvelli, Joanna Vagner, e Maria Cruvelli; a penultima procedente de Berlin; tenores Gardoni, Pardini, Mercuriali, e Calzolari; baritonos, Negreni, Belleti e Ferloti; baixos, De Bassini, Ferranti, e Lablache: director da orchestra, Balfe. O corpo de baile é igualmente escolhido.

As operas que se hão de cantar durante a estação são: — *D. João*, *Le nozze de Figaro*, *Lucia*, *I Puritani*, *D. Pascuale*, *Cenerentola*, *i due Foscari*, *Norma*, *Semiramide*, *Pegaladra*, *Lucrecia*, *Othello*, *Linda de Chamounix*, *Guilherme Tell*, *Tancredo*, *Roberto do Diabo*, *la Tempesta*, *Florinda*, *o Filho-prodigo* e *Cassilda*, que é composição do principe real da Prussia.

Novo pára-quedas. — Um quinquelheiro de Marselha, por nome Desmond, mui conhecido naquella cidade, acaba de inventar um pára-quedas que tem a forma de um passaro, e a que se póde dar a direcção que se quizer. Fizeram-se duas experiencias formaes deste aparelho em presença de uma commissão composta de pessoas scientificas e de engenheiros, e os resultados foram satisfactorios.

O aeronauta com o auxilio deste guarda-quédas, que desce mui lentamente, depois de chegar a certa altura póde dar-lhe direcção por um bom espaço de tempo antes de baixar á terra. São faceis de comprehender as vantagens que pódem colher-se deste invento.

THEATRO DE S. CARLOS.

Concerto.

O concerto dado pelos jovens Achilles, Galeazzo, e Alfredo Fontana, no salão de S. Carlos, em a noute de 20 do corrente teve uma concorrencia numerosa e escolhida, e um exito brilhante, não só pela escolha e variedade das peças de musica, que o compunham, mas tambem pela sua boa execução, em que tomaram parte os principaes artistas de canto e a orchestra do theatro lyrico.

Tudo quanto podessemos dizer em relação ao joven Fontana, não seria mais do que repetir o que a opinião publica tantas vezes tem apregoado a seu respeito. Bem poucas são as pessoas que não tem já tido occasião de admirar e applaudir o talento destes artistas, que desde a mais tenra idade, souberam captar as sympathias do publico, e alcancar um nome distincto na sublime arte, a que se dedicaram.

Nesta noute os srs. Achilles e Galeazzo exuberantemente nos provaram quanto deixamos dito, tocando varias peças na harpa e no piano por tal modo, que mereceram espontaneos e repetidos applausos.

No joven Alfredo notámos os grandes progressos que tem feito no difficil instrumento da rebeca: desejariamos, porém, que elle se abstivesse por em quanto de tocar peças de muita força e difficuldade, como por exemplo, o *Carnaval de Veneza*, e outras, as quaes lhe poderão grangear, é verdade, numerosos applausos e a admiração dos espectadores, mas nem por isso são as mais proprias da sua idade, e dos limitados recursos de que elle póde ao presente dispôr. Estas nossas observações são feitas puramente com o intuito de aproveitarem a quem são dirigidas, porque reconhecemos no joven Alfredo todas as disposições necessarias para vir a ganhar uma reputação artistica, se fôr perseverante no estudo, e se a sua educação musical fôr dirigida com acerto e esmero.

Das peças de canto as que mais agradaram foram um *duetto* dos srs. Bonafós e Goré, uma *barcarola* em francez sobre a tão conhecida fabula de Lafontaine *Le Renard et le Corbeau*, cantada com bastante chiste pelo sr. Mancuzi, mas sobretudo uma linda *romanza* de Donizetti, *La mère et l'enfant*, cantada pela sr.ª Sannazzari com tal sentimento e expressão que agradou muito, e até chegou a commover o auditorio. A eximia cantora comprehendendo a situação e elevando-se á altura della, não só nos revelou em toda a sua verdade as sublimes inspirações do *maestro*, mas tambem nos fez comprehender toda a força daquellas terriveis palavras, repassadas de angustia e desesperação, e pronunciadas n'um lance da mais dolorosa afflicção por uma mãe que vê expirar seu filho por falta de alimento.

Du pain, s'il vous plait, du pain!
Mon pauvre enfant se meurt de faim!..

Esta peça, essencialmente dramatica, é do genero daquellas em a sr.ª Sannazzari não teme rival; escusado é dizer que os applausos foram enthusiasticos e prolongados.

Todos se retiraram satisfeitos por terem passado uma noute summamente agradavel, tendo além disso testemunhado a sua sympathia aos beneficiados, que por tantos titulos são credores da estima e protecção do publico desta capital.

D. R.